

Encontros de Cultura e Património

Mosteiro de Santa Maria de Seixa: Abordagens e Perspectivas

Figueira da Foz, 7 e 8 de Julho de 2011

A IGREJA DO MOSTEIRO DE SANTA MARIA DE SEIXA NO CONTEXTO DA ARQUITECTURA DOS CISTERCIENSES EM PORTUGAL

Ana Pagará

Resumo

O Mosteiro cisterciense de Santa Maria de Seixa teve a sua origem na reforma de um eremitério beneditino existente, pelo menos, desde a primeira metade do século XII, no vale da Ribeira de Seixa, aceitando-se a data de 1175 para a adopção dos usos cistercienses. Desconhece-se a cronologia da construção medieval mas, através do relato que Fernão Ribeiro aquando da visita que concretizou ao mosteiro de Seixa, em 1513, por ordem do monarca D. Manuel I, e tendo em vista a realização de obras de reparação, é possível ter uma ideia dos lugares regulares existentes à altura e da tipologia da igreja primitiva, incluindo o estado de conservação em que estes se encontravam.

A construção do novo mosteiro de Santa Maria de Seixa, ocorrida entre o último terço do século XVI e durante todo o século XVII, realizou-se no mesmo sítio onde se erguia o conjunto medieval, alterando-se apenas a disposição dos lugares regulares, os quais passaram de sul para norte da igreja. Terá sido por esta razão que subsistiu grande parte do alçado setentrional do corpo das naves do templo medieval, uma vez que foi nesta parede que se apoiou a edificação do novo claustro e restantes lugares regulares, obra que terá sido iniciada a partir de 1572. A reconstrução da igreja só veio a ser começada um século mais tarde, tendo servido o templo medieval até então.

A opção pela reconstrução integral do mosteiro pode estar relacionada com o facto de os edifícios primitivos terem continuado em processo de degradação (apesar da ocorrência de algumas obras entretanto), para além de, muito possivelmente e pelo que foi apresentado, não responderem à regularidade que veio a ser "exigida" pela Congregação Autónoma de São Bernardo, criada em 1567.

Ao nível arquitectónico, relativamente ao alçado medieval remanescente e à ruína da igreja moderna, o levantamento efectuado revelou um absoluto rigor métrico, tanto num projecto como noutro, tendo sido ainda possível apresentar uma primeira proposta de reconstituição da planimetria desta, a partir da observação do existente e de um primeiro ensaio do esquema modular que terá presidido à sua concepção.

A unidade e a qualidade construtivas, observáveis no conjunto arquitectónico subsistente, mostram bem a capacidade económica da abadia e a sua importância no panorama cisterciense português. No século XVIII, o mosteiro de Seixa devia impressionar pela sua monumentalidade, dimensão e rigor na organização espacial.

A documentação consultada até ao momento e, sobretudo, a observação do facto arquitectónico remanescente, permitiu a elaboração de propostas de reconstituição das igrejas de Seixa, a medieval e a moderna, e, conseqüentemente, o enquadramento de ambas no contexto da caracterização tipológica da arquitectura dos cistercienses em Portugal.

Nota curricular

Ana Pagará (Lisboa, 1971). Licenciada em História, variante de História da Arte pela Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1993) e Mestre em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico pela Universidade de Évora (1999), tendo apresentado dissertação intitulada "Proposta de Conservação do conjunto subsistente do Mosteiro cisterciense de São João de Tarouca" (Bolsa da FCT – Fundação para a Ciência e Tecnologia), sob orientação do Professor Doutor Virgolino Jorge. Prepara doutoramento sobre Tipologias da Arquitectura dos Cistercienses em Portugal, sob orientação do mesmo professor. Exerceu funções de técnico superior de História no Gabinete Técnico Local da Câmara Municipal de Portel, no âmbito da elaboração do Plano de Salvaguarda do núcleo urbano Histórico de Portel (1999-2001), autarquia com a qual tem continuado a colaborar no desenvolvimento de projectos e acções no âmbito do estudo e salvaguarda do Património, de que se destaca o Projecto para o estudo, conservação e divulgação do Mosteiro hospitalário de Vera Cruz de Marmelar (2005-2008). Foi coordenadora do Gabinete do Património Histórico-Arquitectónico e Artístico e responsável pelas Galerias de Arte Municipais e pela Oficina Municipal de Artes Soares Branco da Câmara Municipal de Mafra (2002-2007), onde actualmente exerce funções, no Arquivo Municipal. Entre 2007 e 2010, desempenhou, em regime de comissão de serviço, o cargo de Chefe de Divisão da Promoção e Dinamização Cultural na Direcção Regional de Cultura do Alentejo, tendo sido responsável pela execução formal do Programa Identidades – Salvaguarda do Património Imaterial do Alentejo. É coordenadora do Programa comemorativo dos 750 anos da Fundação do Castelo e do 1º Foral de Portel (2011-2012) e, com Paulo Lima, do Museu Digital de Alcáçovas. Autora de várias comunicações em encontros científicos, tem diversos trabalhos publicados na área da História da Arte e do Património Arquitectónico.